



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS CORREIA DA SILVA

**PROJETO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA ACERCA DAS
POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DO
VOLEIBOL**

RECIFE

2018

LUCAS CORREIA DA SILVA

**PROJETO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA ACERCA DAS
POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DO
VOLEIBOL**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciado em Educação Física, orientado pela Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Vieira.

RECIFE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Nome da Biblioteca, Recife-PE, Brasil

S586p Silva, Lucas Correia da
Projeto social: uma perspectiva inclusiva acerca das possibilidades e desafios da prática pedagógica no ensino do voleibol / Lucas Correia da Silva. – 2018.
54 f.

Orientadora: Ana Luíza Barbosa Vieira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação Física, Recife, BR-PE, 2018.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Educação física – Aspectos sociais 2. Professores de educação física
3. Prática de ensino I. Vieira, Ana Luíza Barbosa, orient. II. Título

CDD 613.7

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

**PROJETO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA ACERCA DAS
POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DO
VOLEIBOL**

Esta monografia foi julgada adequada como parte dos requisitos para o título de Licenciado(a) em Educação Física, aprovado pela banca examinadora na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Rosângela Cely Branco Lindoso

Prof.^a Dra. Coordenadora do curso de Licenciatura em Educação Física

Data da Defesa: 15/Agosto/2018

Horário: 09 horas

Local: Sala 2- Departamento de Educação Física- UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Ana Luíza Barbosa Vieira

Orientadora

Prof.^a Dra. Rosângela Cely Branco Lindoso

Examinadora Interna

Prof.^a Dra. Nayana Pinheiro Tavares

Examinadora Interna

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, porque é o autor da minha vida, que guia os meus passos e me protege. Aos meus pais, irmão e família, que me incentivaram para o alcance desta conquista. Aos professores pela dedicação na mediação do processo de ensino-aprendizagem. E, em especial, a todos da Rural, que me acolheram e me fizeram viver momentos intensos durante a minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ajudar a trilhar meu caminho da maneira mais ética e justa possível até o final do meu curso, no qual tanto almejei ingressar.

Às crianças dos projetos sociais que, com sua alegria e vontade de viver, me fizeram acreditar cada vez mais que podemos lutar e sermos melhores a cada dia. Em especial às crianças do Projeto de Extensão Vôlei na Rural, que compartilharam comigo semanalmente seus sonhos, objetivos, alegrias, ansiedades, medos e expectativas, incumbindo a mim a mais preciosa forma de compartilhar o conhecimento.

Aos professores pesquisados, minha total gratidão por terem ajudado contribuindo com atenção e respeito em minha pesquisa. De modo semelhante, meu total respeito e admiração por lutarem com as crianças dos projetos sociais em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Aos meus pais, Marcondes e Ester, que nunca mediram esforços para que eu realizasse meus sonhos, bem como sempre me incentivaram com palavras e ações mostrando que posso ir longe. Por fim, agradeço todos os dias por caminharem ao meu lado e por tudo que fizeram e continuam fazendo.

Ao meu irmão, Jonas, que sempre me incentiva com palavras e ações me ajudando a superar todas as dificuldades que eu enfrento, além de me deixar dividir os meus sonhos com ele.

Aos meus parentes, sempre unidos, fazendo questão de celebrar minhas vitórias e conquistas juntos. Gratidão por todo auxílio nas horas boas e ruins.

Ao meu primo e amigo, Johnson, que sempre me ajudou a nunca desanimar, me incentivando com palavras de coragem e alegria. Logo, saiba que a sua ajuda e apoio foram muito importantes para mim. Minha gratidão.

Aos meus companheiros do movimento estudantil, minha gratidão pela união de forças, lutando sempre por uma sociedade melhor, bem como por compartilhar toda luta que me fez crescer a cada dia como um sujeito comprometido com as causas coletivas. Companheiros, “há braços”!

A minha professora e orientadora, Ana Luiza, pela orientação, empenho dedicado à elaboração deste trabalho e amizade sincera.

A todos meus professores e colegas de curso por compartilharem momentos de alegria, dificuldades, mas, sobretudo, de crescimento e aprendizagem.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela
tampouco a sociedade muda”.*

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho buscou evidenciar a prática pedagógica em projetos sociais, compreendendo os desafios e as possibilidades no ensino do voleibol. A pesquisa foi realizada a partir do método qualitativo com aplicação de um questionário semiestruturado com quatro professores de projetos sociais distintos, que ficam localizados nos municípios de Olinda e Recife. O questionário objetivou inquirir acerca dos seguintes aspectos: os desafios e possibilidades no ensino esportivo em projetos sociais. Os resultados nos mostram que o projeto social tem a finalidade de não apenas retirar os meninos da rua, mas proporcionar práticas educativas que contemplem a inclusão nas aulas, autonomia do aluno, a formação de sujeitos críticos e a solução de problemas a partir do jogo, transferindo os aprendizados para a vida. Além disso, a pesquisa contribuiu para uma maior compreensão acerca da importância do projeto social esportivo para a vida dos alunos e conseqüentemente para a sociedade, bem como poderá referenciar novas reflexões sobre a temática.

Palavras-chave: Projeto Social. Prática Pedagógica. Esporte. Voleibol.

ABSTRACT

The present study sought to understand the pedagogical practice in social projects, understanding the challenges and opportunities in the teaching of volleyball in social projects. The survey was conducted from the qualitative method with application of a semistructured questionnaire with four teachers of different social projects, which are located in the cities of Olinda and Recife. The survey encompassed the following objectives: the challenges and opportunities in sports teaching in social projects; the motivation of children and teenagers to participate in the social project and the pedagogical practice of the teaching of volleyball in social projects. The results show us that the social project aims to not only remove the street boys, but provide educational practices to behold the inclusion in class, student autonomy, the formation of critical subjects and troubleshooting from the game, downloading the learning for life. It is concluded that the research contributes to a greater expansion of perspectives about the importance of social sports project for the life of students and society, as well as the survey will serve as a basis for further reflection on the theme.

KEYWORDS: Social Project. Pedagogic Practice. Sport. Volleyball.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MARCO LEGAL: A GARANTIA DA PRÁTICA ESPORTIVA EM PROJETOS SOCIAIS.....	13
3 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DO ESPORTE EM PROJETOS SOCIAIS	17
4 MOTIVAÇÃO: A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS.....	22
5 O ENSINO DO VOLEIBOL: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES EM PROJETOS SOCIAIS.	26
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
6.1 CONTEXTOS PESQUISADOS.....	31
6.1.1 Projeto Meninos e Meninas de Olinda- PMMO RUI	32
6.1.2 Programa Recife Esportes de Rendimento	32
6.1.3 Projeto Passe para o Bem	32
6.1.4 Projeto de Peito Aberto.....	33
6.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	33
6.3 MEIOS E INSTRUMENTOS.....	34
6.4 MÉTODO DE ANÁLISE:	34
7 OS DISCURSOS QUE REVELAM OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DO VOLEIBOL EM PROJETOS SOCIAIS	36
7.1 OBJETIVO DOS PROJETOS SOCIAIS	36
7.2 OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DO ENSINO ESPORTIVO NO PROJETO SOCIAL.	37
7.2.1 A importância da atividade para a vida dos alunos.....	38
7.2.2 Desafios da falta de recursos materiais	38
7.3 O ENSINO ESPORTIVO E A CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL	38
7.3.1 Comportamento e respeito dos alunos	39
7.3.2 Trabalho em grupo como objetivo social	39

7.4 PROCEDIMENTOS DE INCLUSÃO NAS AULAS	40
7.4.1 Inclusão de deficientes	40
7.4.2 Formação de atletas	41
7.5 EXPECTATIVAS E OBJETIVOS DOS ALUNOS	41
7.6 MOTIVOS DE PERMANÊNCIA DOS ALUNOS	42
7.6.1 O prazer da prática esportiva	43
7.6.2 Ambiente saudável	43
7.7 CAUSAS DE DESISTÊNCIA.....	43
7.8 ATIVIDADE QUE DESENVOLVAM A AUTONOMIA DOS ALUNOS	44
7.9 MÉTODO DE ENSINO DO VOLEIBOL EM PROJETOS SOCIAIS	45
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	52
APÊNDICE A- ENTREVISTAS	52
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO.....	53

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, observa-se que grande parcela da sociedade vive em condições vulneráveis socioeconomicamente e que colocam em risco o bom funcionamento do desenvolvimento humano. Assim, mesmo com os avanços tecnológicos vigentes na população, mais acesso à educação, saúde, moradia entre outros aspectos ainda não são suficientes para suprir a carência vivida pela população que se encontra à margem da sociedade.

Outrossim, pode-se destacar que a desigualdade social é resultado que engloba a estrutura econômica, política, dentre outros aspectos construídos socialmente. Ao analisarmos pelo viés econômico, podemos inferir a exploração demasiada do trabalho e a concentração de renda. Pelo viés político, há um afastamento da população acerca dos assuntos referentes à política.

Sendo assim, o surgimento do projeto social busca a mudança da realidade que, de forma intencional, contribui para a reflexão da referida problemática, pois acredita na transformação para se chegar em uma sociedade mais justa e igualitária, na qual o acesso aos direitos fundamentais da subsistência humana seja, de fato, universal (VIANNA; LOVISOLO, 2011).

Diante disso, há o Ministério do Esporte que participa de uma política de Estado como formulador, proponente e articulador responsável pelos programas que garantem o acesso de todos ao direito da prática esportiva, assim como responder às demandas sociais que, historicamente, permanecem na ampliação dos direitos. A partir disso, surge a criação de dois programas governamentais importantes, que são o Programa de Esporte e Lazer da Cidade e o Programa Segundo Tempo que têm como seus objetivos o fenômeno esportivo como ferramenta educacional, promovendo a reflexão crítica sobre os diferentes contextos de risco social, diminuindo a exposição de crianças e jovens aos riscos da violência, do tráfico de drogas, da desestruturação familiar, falta de afeto, entre outros elementos contribuidores para deterioração da dignidade humana (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005).

Dessa forma, devem prevalecer nas intervenções pedagógicas o desenvolvimento de atividades que explorem os valores humanos, a coletividade, a paz, cooperação, a solidariedade, as lutas pelos ideais, os valores encontrados na prática esportiva e entre outros aspectos. Nesse viés, não se deve deter apenas ensinar para o esporte, mas também ensinar pelo esporte.

Nesse viés, as práticas sociais possibilitam a viabilização de mudanças fundamentadas na implementação e execução de projetos que resultam em pertinentes impactos sociais a partir do protagonismo de diversos colaboradores envolvidos no seu desenvolvimento educacional, acreditando que os projetos sociais devam garantir o acesso à prática esportiva a toda parcela da população brasileira.

O interesse em torno da temática que surgiu a partir da vivência e prática pedagógica no ensino do voleibol em um projeto de extensão na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) pelo Departamento de Educação Física (DEFIS), a qual foi submetida e aprovada pelo Sistema de Informação e Gestão de Projetos (SIGPROJ) no ano de 2017, que tinha como finalidade a inclusão social pelo esporte, com o público-alvo de crianças e adolescentes, escolares da comunidade do Sítio dos Pintos, localizada no entorno da UFRPE.

Ao longo do projeto identificamos temas transversais pertinentes, que trouxeram reflexões e pesquisas para a nossa prática, pois nos deparamos com alguns desafios no ensino do voleibol. Dentre os desafios, percebemos que os partícipes desconheciam a modalidade esportiva voleibol e o seu implemento, bem como desejavam praticar apenas um esporte que vivenciavam cotidianamente em sua comunidade, o futebol. Entre outros aspectos, os jogos populares que trabalhávamos no projeto se tornaram mais atrativos do que o próprio voleibol, considerando que este último requer utilização de gestos técnicos não naturais, os quais na iniciação é um dificultador no processo de aprendizagem.

Além disso, a violência exacerbada entre as crianças era bastante comum no já mencionado projeto de extensão, tal como a discriminação de gênero, pelo fato de os meninos não quererem participar das atividades com as meninas, argumentando serem frágeis. Outro aspecto observado foi o preconceito com o outro, quer pela sua raça, crença religiosa e/ou diferença de faixa etária. Essas dificuldades nos levaram a criar métodos para a prática, visto que não encontramos literatura que dialogasse como intervir diante de todas as adversidades mencionadas e que influenciaram diretamente na prática pedagógica do professor no ensino do voleibol.

As vivências no projeto social demonstraram que pode servir para as crianças como um ambiente promotor de saúde e inúmeras possibilidades. Com o projeto, conseguimos fazer com que as crianças gostassem do voleibol e aprendessem os conceitos básicos, bem como conseguiram levar para a vida valores morais como, por exemplo, questões de respeito e relações coletivas, pois o esporte, na educação pelo esporte, pode agir transformando potenciais em competências para a vida daqueles que têm a oportunidade de passar por essas experiências.

Levando em conta o que foi observado, percebe-se a importância dessa pesquisa, visto que foram encontradas diversas dificuldades na prática do voleibol no projeto de extensão da UFRPE, fazendo-se necessária a reflexão da prática pedagógica em um ensino não formal, para que possa contribuir compartilhando as realidades e experiências do ensino esportivo em projetos sociais no sentido de ingressar como docente ou que já vivencie tal realidade; para a sociedade, ressaltar a importância do projeto social, visto que pode trazer benefícios no desenvolvimento da criança e do adolescente nos aspectos motores, sociais, cognitivos e psíquicos, contribuindo para a formação do indivíduo em sua totalidade.

Assim, partindo das análises da prática pedagógica e as possibilidades do ensino do voleibol em um espaço não formal e os desafios de quem realiza atividades práticas promovendo a inclusão pelo esporte, surge a inquietação sobre a seguinte problemática: quais os desafios e possibilidades do ensino do voleibol em projetos sociais?

Tendo como base a problemática citada, a pesquisa proposta busca analisar as práticas pedagógicas do ensino esportivo em projetos sociais, com foco nos desafios que os professores enfrentam ao ensinar o conteúdo voleibol e as possibilidades de transformação dessa prática, a partir dos depoimentos dos entrevistados.

Como objetivos específicos, buscou-se:

- a) identificar os marcos legais que garantem a prática esportiva em projetos sociais;
- b) mapear como ocorre a prática do ensino do voleibol em projetos sociais;
- c) analisar as causas que motivam as crianças e adolescentes a participar dos projetos sociais esportivos.

Para alcançar tais objetivos, realizamos um estudo teórico sobre as principais ideias de alguns pesquisadores acerca dos projetos sociais esportivos como, por exemplo: Balbinotti et al, (2011); Balbinotti; Saldanha; Balbinotti, (2009); Barreto; Perfeito(2018); Bojikian; Bojikian, (2009); Borges; Diniz (2017); González, (2017); Greco; Silva; Santos, (2009); Machado; Galatti; Paes, (2015); Machado et al, (2012); Melo; Souza; Dias, (2009); Müller, (2009); Palma, et al., (2009); Vianna; Lovisolo, (2011).

Destarte, tais leituras nortearam a revisão bibliográfica que se encontra organizada da seguinte forma: Capítulo I: Marco Legal: a garantia à prática esportiva em projetos sociais; Capítulo II: Desafios e Possibilidades da prática pedagógica no ensino do esporte em projetos sociais; Capítulo III: Motivação: a participação de crianças e adolescentes nos projetos sociais esportivos; Capítulo IV: O ensino do voleibol: a prática pedagógica dos professores em projetos sociais.

Nesta direção, a fundamentação teórica serviu de orientação ao trabalho de campo que buscou verificar por intermédio de entrevistas as práticas educativas e pedagógicas desenvolvidas com crianças/adolescentes, no ambiente de quatro projetos sociais da cidade do Recife e Olinda, investigando por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os professores.

2 MARCO LEGAL: A GARANTIA DA PRÁTICA ESPORTIVA EM PROJETOS SOCIAIS.

Os direitos sociais necessitam da importante mobilização dos recursos feitos pelo Estado a partir das garantias legais, a fim de que haja a materialização de políticas públicas, assim como das correlações de forças sociais e políticas atuantes na sociedade. A primeira garantia legal dos direitos sociais sobre esporte e lazer está prescrita pela Constituição Federal de 1988, a qual explicita no art. 6º do capítulo II dos direitos sociais a seguridade do lazer como um direito social (BRASIL, 1988). Dessa forma, concebe-se esperança para a criação de políticas públicas com o acesso de todos sem distinção.

Assim como no art. 217º do capítulo III ressalta mais especificamente que é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um. Dessa forma, ressalta-se que a prioridade dos recursos públicos deve ser destinada à promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos para o desporto de alto rendimento, assim como, proteger e incentivar às manifestações desportivas de criação nacional (BRASIL, 1988).

Por esse viés, ao interpretar as garantias da Constituição Federal de 1988 acerca do dever público diante do lazer como um direito social, pode-se levantar duas possibilidades para as reflexões. O primeiro ponto é que a partir da ótica jurídico-legal o lazer se equipara ao direito à saúde, moradia, ao trabalho, à alimentação entre outros, assim como necessitam que os mecanismos de promoção de acesso ao lazer sejam garantidos de forma universal.

Desse modo, a contribuição para discussão surgiu a partir das definições das três manifestações do desporto, proposta pelo art. 3º da Casa Civil da Presidência da República (Lei n.9.615 de 24 de março de 1998), conhecida como Lei Pelé. Ademais, inspirado nos fundamentos constitucionais do Estado Democrático de direito, destaca o esporte com a finalidade educacional, participativa e de alto rendimento. Relata-se no capítulo III do artigo III que o desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I - Desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - Desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - Desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações. (BRASIL, 1988)

Portanto, percebe-se que a Lei Pelé apenas diferencia as manifestações do fenômeno esportivo, mas não estabelece um mecanismo para efetivá-las. No entanto, é indiscutível que seja um avanço e uma conquista histórica para cada uma dessas áreas. É preciso refletir para compreender se realmente o aparato legal tem sido suficiente na concretização do direito social.

Posteriormente, no ano de 2013, pode-se analisar a efetivação de políticas públicas de esporte e lazer que teve um grande avanço a partir da criação do Ministério do Esporte (ME) no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O compromisso político do Governo Federal com o Esporte, no início da gestão do Presidente Lula, foi traduzido na criação do Ministério do Esporte, que tem como missão “formular e implementar políticas públicas inclusivas e de afirmação do esporte e do lazer como direitos sociais dos cidadãos, colaborando para o desenvolvimento nacional e humano”. Atualmente, o Ministério do Esporte coordena uma Política de Estado reconhecendo as ações desenvolvidas ao longo da história e criando condições para a implementação de uma política que não se restrinja ao quadriênio da gestão, mas se comprometa com a efetivação de uma Política Pública de Esporte e Lazer frente à qual assume a posição de proponente, formulador e articulador, responsabilizando-se pela realização de Programas que respondam às demandas sociais geradas num momento histórico de garantia e de ampliação do conjunto dos direitos (POLÍTICA NACIONAL DO ESPORTE, ME, 2005).

Assim, o governo apontou um novo caminho a ser construído e pensado com ações que garantam a inserção ao esporte como direito de todo cidadão. Portanto, como políticas públicas sociais do governo Lula, ocorreu no ano de 2013 à criação capitaneada pelo ME os dois programas principais: Programa Segundo Tempo (PST) e o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC).

Como objetivo central, os programas sociais buscam democratizar o acesso cultural ao esporte educacional, promovendo desenvolvimento integral das crianças, jovens e adultos para que se tornem sujeitos críticos e emancipados, assim como na melhoria da qualidade de vida para aqueles em vulnerabilidade social e excluídos da sociedade (MELO; SOUZA; DIAS, 2009).

Além disso, verificamos, em 2006, a criação da Lei de n.11.438 de 29 de dezembro de 2006 (BRASIL, 2006), sancionada pelo congresso nacional, chamada a lei de incentivo fiscal ao esporte, que visa permitir que as empresas e pessoas físicas invistam parte do que pagariam de imposto de renda em projetos esportivos, as empresas podem investir até 1% e as pessoas físicas 6% dos impostos devidos. Por conseguinte, surgem maneiras de captação de recursos para a manutenção deficitária em que se encontram os projetos sociais.

Em suma, podemos encontrar tal afirmação disposta no capítulo I do artigo I, que ressalta:

Art. 1º A partir do ano-calendário de 2007 e até o ano-calendário de 2022, inclusive, poderão ser deduzidos do imposto de renda devido, apurado na Declaração de Ajuste Anual pelas pessoas físicas ou em cada período de apuração, trimestral ou anual, pela pessoa jurídica tributada com base no lucro real os valores despendidos a título de patrocínio ou doação, no apoio direto a projetos desportivos e paradesportivos previamente aprovados pelo Ministério do Esporte.

§ 1º As deduções de que trata o caput deste artigo ficam limitadas:

I - relativamente à pessoa jurídica, a 1% (um por cento) do imposto devido, observado o disposto no

§ 4º do art. 3º da Lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995, em cada período de apuração;

II - relativamente à pessoa física, a 6% (seis por cento) do imposto devido na Declaração de Ajuste Anual

§ 2º As pessoas jurídicas não poderão deduzir os valores de que trata o caput deste artigo para fins de determinação do lucro real e da base de cálculo da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL.

§ 3º Os benefícios de que trata este artigo não excluem ou reduzem outros benefícios fiscais e deduções em vigor.

§ 4º Não são dedutíveis os valores destinados a patrocínio ou doação em favor de projetos que beneficiem, direta ou indiretamente, pessoa física ou jurídica vinculada ao doador ou patrocinador (BRASIL, 2006).

Com base na leitura da referida lei de n. 11.438 (BRASIL, 2006), verificamos que o direito ao esporte no Brasil não superou a constituição de 1998, visto que ainda carece de condições objetivas para a sua materialização. Além de limitações orçamentárias, pode-se destacar que o esporte e o lazer precisam caracterizar políticas de Estado, não sendo mais encarados como ações das gestões governamentais, bem como deve favorecer o conhecimento e apropriação do direito ao esporte e o lazer pela população brasileira.

Além disso, a partir do que foi referenciado no capítulo é imprescindível a ampliação do conceito de esporte nos instrumentos legais, visto que novos fatos esportivos estão surgindo na sociedade em cada momento histórico. Devem ser formuladas mais políticas específicas para as circunstâncias que envolvam o “esporte educacional”, “esporte performance”, “esporte participativo”, levando em conta que o “esporte educação” e o “esporte lazer” devam ser mais fomentadas na sociedade, enquanto o “esporte performance” precisa ser protegido pelo Estado (TUBINO, 2010).

3 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DO ESPORTE EM PROJETOS SOCIAIS

Ao analisar a conceituação de projeto social e os seus objetivos na sua implementação, podemos inferir, na citação a seguir, que há uma concordância entre os autores que discutem este assunto. O projeto social esportivo tem na sua constituição o seu valor educacional, promovendo o acesso ao esporte de forma universal a todos os indivíduos com o objetivo de mudar as realidades dos praticantes, assim como contribuir na melhoria da condição de vida e no desenvolvimento humano nos seus aspectos cognitivos, sociais e políticos (MACHADO, GALATTI, PAES, 2015; MACHADO et al., 2011, VIANNA, LOVISOLO, 2011; MELO, SOUZA, DIAS, 2009).

Da mesma forma, Machado, Galatti e Paes (2015) ressaltam que no projeto social sempre haverá um elemento educacional no ensino do esporte, que proporciona a troca de informações e o relacionamento entre os partícipes, tornando um espaço que contenha diversos elementos de educação e coeducação, seja ele formal, não formal ou informal. Logo, o ensino deve favorecer as integrações sociais e as relações interpessoais, possibilitando a ampliação da compreensão de mundo de forma crítica e ativa que vai para além de ensinar apenas para o esporte.

Segundo Melo, Souza e Dias (2009, p. 17) Partimos da concepção de que um projeto social nasce da convicção de pessoas, organizações, governamentais ou não governamentais, tendo-se como princípio a necessidade de mudar realidades que afetam as condições de vida e o desenvolvimento das pessoas. Ressaltamos que a concepção de homem e sociedade antecede a constituição de um projeto social, pois os seus mentores geralmente partem do princípio de que o homem deve construir ativamente a sua história, uma vez que ele é resultado do meio e das relações, principalmente se pensarmos no fato de que nossos comportamentos são guiados pelo contexto em que vivemos.

Nesse sentido, os projetos sociais surgem para atender a população que se encontra em vulnerabilidade social, oportunizando a ocupação do tempo ocioso e minimizando as exposições as situações de perigo encontrado nas ruas (MACHADO; GALATTI; DIAS, 2015), assim como, os projetos sociais se encontram como uma atividade alternativa à escola, visto que os desempenhos escolares se encontram como um requisito para a participação no projeto (VIANNA; LOVISOLO, 2011).

Portanto, criam-se alternativas para inclusão de crianças e adolescentes nos âmbitos educacionais ocupando-os com atividades educativas. Com isso, o esporte aparece como uma alternativa, pois as crianças e jovens gostam de praticar e, conseqüentemente, irão participar.

No entanto, deve-se ressaltar que o projeto não é apenas um meio de despender o tempo dos participantes com a prática esportiva, mas contribuir para a socialização de modo positivo, buscando a inclusão social a partir do meio em que estão inseridos (VIANNA; LOVISOLO, 2011).

Outrossim, a prática esportiva no projeto social deve estimular valores morais e éticos, fazendo com que não baste apenas o ensino que privilegie os aspectos técnicos, mas se deve ampliar os conteúdos propostos na prática esportiva. Logo, as práticas esportivas têm uma importância maior do que a revelação de atletas, pois possibilitam a inserção do indivíduo na cultura esportiva, bem como conhecer o esporte e usufruir da sua prática com um adequado processo de ensino, aprendizagem e as vivências (MACHADO; GALATTI; DIAS, 2015).

Por isso, é importante acentuar a necessidade de práticas significativas para os alunos por meio dos conteúdos ministrados nas aulas, visto que teriam que transcender a prática que foca apenas em aspectos motores, sendo importante que os conteúdos participem do ensino no que se refere à educação de valores e comportamentos, noções da ética presente no esporte. Além disso, deve-se levar em consideração a contribuição que o ensino esportivo proporciona a partir da prática educacional, bem como o conhecimento prévio dos alunos (VIANNA; LOVISOLO, 2011).

Para os quais o tratamento pedagógico do esporte pelo professor deve atender a dois referenciais: o técnico-tático e o sócio educativo que correspondem, respectivamente, aos aspectos de planejamento da aula/treino, táticos e físicos e o fomento de princípios e valores, coeducação, participação, inclusão e autonomia, respectivamente. Diante das múltiplas possibilidades educativas que o Esporte oferece, destacamos a importância do estímulo à autonomia para a formação dos alunos participantes dos Projetos Sócio Educativos, através das aulas de Esporte, tendo em vista a formação cidadã (MACHADO et al., 2011, p. 2).

Do mesmo modo, Machado, Galatti e Dias (2015) ressaltam que o referencial histórico-cultural é um elemento indispensável na prática pedagógica, pois possibilita a busca do conhecimento que evidencie o esporte como parte integrante da cultura e do social. Além disso, faz-se necessário que o professor contemple o referencial técnico-tático com a sistematização e organização da ação pedagógica com a vivência e prática esportiva, assim como o socioeducativo integraliza todo o processo de ensino com o compromisso de estimular de forma intencional com que o indivíduo compreenda o respeito e os valores para a vivência entre os partícipes integrantes do projeto social. Portanto, os professores são agentes da transformação social, os quais possibilitam a criação de condições que permitem de forma mais fácil a aprendizagem e/ou a criatividade e o senso crítico.

Todavia, os professores se deparam com grandes obstáculos ao implementarem intervenções pedagógicas que contemplem a realidade de todos os envolvidos nos projetos sociais. Diante disso, os professores dos projetos sociais partem da perspectiva inclusiva na busca de oportunidades para a formação e o desempenho pleno da cidadania, contudo, a inclusão pelo esporte, historicamente tem o foco por meio de dois aspectos: a relação social com o corpo e com as diferenças, pois o esporte veicula a ideia nas grandes massas que o corpo saudável é mais eficiente, privilegiando o físico e o funcional do corpo (MELO; SOUZA; DIAS, 2009).

Por esse viés, torna-se evidente que a tentativa de inclusão é falha, visto que impossibilita a inserção de crianças e jovens que tenham corpos que fujam do “padrão”. Ademais, o discurso de saúde e do corpo perfeito sempre esteve atrelado à ideia de competição e este pensamento sempre permaneceu no entorno da prática esportiva. Dessa forma, as ações pedagógicas sempre buscaram com que os alunos tivessem um estilo de vida enérgico para atingir tal finalidade, pois o referencial no fenômeno esportivo é um corpo sem defeito (MELO; SOUZA; DIAS, 2009). De acordo com Vianna e Lovisoló (2011, p. 288):

O discurso ideológico presente em programas e políticas de inserção social através do esporte, que postula apenas uma perspectiva de inclusão pelo lazer, parece não suscitar a adesão e permanência de parcelas significativas dos matriculados nas atividades. Deve ficar claro que a realização de atividades esportivas orientadas à profissionalização, mediante treinos suficientes e participação em eventos esportivos, não significa automaticamente permanência ou adesão. De fato, a partir de certo momento, os praticantes podem chegar à conclusão de que lhes falta talento, algum dom natural, de que não são suficientemente bons e abandonar a atividade. O esporte funciona com auto e heteroseleção. É excludente por ficar apenas com os melhores. Contudo, este tipo de saída, por seleção, é significativamente distinto do abandono porque o programa não faz o que devia: tentar desenvolver as habilidades e competências esportivas por se dedicar a outros objetivos. Observe-se que o próprio Ministério dos Esportes ao mesmo tempo em que apoia programas de inclusão social pelo esporte e pelo lazer promove a seleção de talentos e a bolsa esporte.

Entende-se que o esporte sempre esteve baseado na seletividade e na performance esportiva, contemplando apenas os mais aptos, habilidosos e com as melhores atuações. Entretanto, a inclusão social de todos sem distinção deve estar alicerçada na prática esportiva. Assim, não se deve supervalorizar um grupo específico que detenha maior facilidade na execução da prática esportiva proposta nas aulas, pois podemos encontrar riscos de excluir os outros que não os possuem. No entanto, este reflexo se mostra como uma dificuldade na intervenção dos professores, fundamentalmente os que trabalham com o esporte, por não planejarem a inclusão em suas aulas. No planejamento das atividades é primordial buscar em

todas as circunstâncias a necessidade de instrumentalização da inclusão, levando em consideração a diversidade de corpos, de raça, de habilidades e entre outros aspectos (MELO; SOUZA; DIAS, 2009).

Sendo assim, deve-se destacar na prática pedagógica as possibilidades no sentido de que cada indivíduo consiga alcançar, mesmo com suas limitações na prática da atividade esportiva e não elevar as dificuldades percebidas, amplificando novos olhares e concepções a todos os envolvidos no processo para que assim alcancemos uma verdadeira inclusão pelo esporte. Melo, Souza e Dias (2009) acrescentam ainda que no corpo se encontra a nossa subjetividade de viver e ser quem somos e todas as nossas potencialidades e limitações. Sendo assim, ao se deparar com diferentes corpos na prática esportiva, precisamos compreender as possibilidades de cada indivíduo sem superestimar a incapacidade. Afinal, na inclusão pelo esporte se leva em consideração as capacidades de cada um, contanto que a pessoa esteja disponível a ampliar suas experiências, visto que o corpo tudo pode. Segundo Machado et al. (2011, p. 2):

apresentado à criança por diferentes agentes, o Esporte em suas diversas modalidades faz parte da cultura infantil, sendo a iniciação esportiva em clubes, academias, prefeituras, escolas ou ONGs o primeiro contato sistematizado da criança com qualquer que seja a modalidade. Os diferentes elementos constitutivos das modalidades esportivas – fundamentos, princípios, características, regras, estratégia e tática do jogo, entre outros – devem ser, aos poucos, apresentados de maneira simples e em nível de exigência adequado às habilidades e capacidades físicas, motoras, cognitivas, emocionais e sociais de uma criança que está iniciando um novo processo. Deve também ter características que a afastem do plano unicamente recreativo, tanto como da busca resultados imediatos.

Para além disso, as crianças e os jovens são compreendidos como membros ativos da sociedade, bem como construtores da sua fase, visto que a contemplação de um processo educacional e estruturado pode trazer possibilidades na transformação de suas realidades. O esporte carrega consigo um conjunto de ações que dependem da intervenção pedagógica e podem possibilitar o surgimento da criticidade acerca da realidade, contribuindo para novas formas de existência (MELO; SOUZA; DIAS, 2009). Ademais, a infância e a juventude devem ser vistas como fases significativas para a vida, pois não se deve pensar nos indivíduos como seres incompletos ou projetos para o futuro, levando em conta a necessidade de refletir as suas realidades e as suas próprias características. Logo, não se deve cogitar a criança como um potencial adulto, mas se deve compreender a infância como uma fase de aprendizagem e desenvolvimento. Contudo, para que isso ocorra se faz necessário orientar a partir do

presente, porém sem deixar de lado um futuro mais promissor (MELO; SOUZA; DIAS, 2009).

Acrescenta-se também que é preciso levar em consideração, ao planejar a aula, o interesse e o que cada indivíduo busca ao ingressar no projeto social, visto que muitos não buscam ser atleta ou construir uma carreira profissional no esporte. Assim, a ideia será falha se focar a prática esportiva na “caça de talentos” ou com o objetivo de gerar atletas futuros, pois estariam esquecendo a fase da infância e as suas possibilidades do presente (MELO; SOUZA; DIAS, 2009). Sendo assim, a sociedade ainda vê na criança a impossibilidade de vivenciar o presente, a fim de que focalizem suas experiências na obstinação de um futuro que ainda não existe.

Dessa forma, é preciso atentar para a realidade em que se encontram crianças, adolescentes e jovens em vulnerabilidade social e em riscos iminentes encontrados nas ruas, visto que o projeto social possibilita o surgimento da esperança de transformação social, fazendo com que os indivíduos não só acreditem em um mundo melhor e mais igualitário, mas o vivencie. É essencial que possam contribuir para a mudança da realidade na qual se encontram. Sendo assim, para o desenvolvimento integral do projeto social, faz-se necessário o envolvimento veemente dos diversos autores sociais que são os professores, colaboradores, a comunidade entre outros. Afinal, todos diariamente acreditam no trabalho desenvolvido e nas contribuições educacionais, possibilitando a universalização ao acesso da prática esportiva.

4 MOTIVAÇÃO: A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS.

A prática esportiva regida de atividades socioeducativas possibilita a socialização de todos os indivíduos no projeto social. Assim, partindo por esse viés, os projetos sociais cresceram motivados na inclusão de todos sem distinção, com o intuito de atender os jovens das classes mais populares (BARRETO; PERFEITO, 2018). Do mesmo modo, dentre os fatores do crescimento da procura pela prática esportiva se encontra o professor, como um mediador fundamental na integração de todos os alunos impedindo de que haja qualquer tipo de discriminação ou preconceito (BALBINOTTI et al., 2011).

Além disso, crianças e jovens ingressam no projeto social esportivo com finalidades distintas para alcançarem seus objetivos. Deste modo, Balbinotti, Saldanha e Balbinotti (2009) destacam que dentre os motivos da prática esportiva os alunos participam para o controle do estresse, da sociabilidade, para melhoria na saúde, para participar de jogos competitivos, para a estética corporal e para o lazer. Portanto, faz-se necessário conhecer os motivos dos alunos e assim, de forma decisiva, conseguir a permanência de todos eles.

Outrossim, não somente se deve conhecer os motivos dos alunos ingressantes, mas agregar as influências sociais em que os indivíduos estão imersos culturalmente. Para Vianna e Lovisolo (2009), o projeto de inclusão social deve propor uma comunicação com os indivíduos que estão inseridos na localidade que ocorre o projeto, visto que deixar de ressaltar essa especificidade pode ocasionar suscetíveis erros. Diante disso, para Barreto e Perfeito (2018, p. 154):

Os idealizadores parecem admitir que a formação positiva por meio do esporte seja a solução desta carência, sem perceber que este pode ser bem ou mal conduzido, resultando em formação positiva ou negativa de crianças e adolescentes. Se entendermos que a segunda alternativa está correta, destaca-se a necessidade de instrumentos e procedimentos que possam ser utilizados para avaliar até que ponto as intervenções desenvolvidas nos PIS estão contribuindo para a construção e afirmação de atitudes e comportamentos para a formação de um cidadão, fornecendo aos responsáveis e interventores informações para a elaboração de novas propostas de operação.

Dessa maneira, a criação de um plano de ação pode diminuir a desistência de crianças e adolescentes propondo atividades que se aproximem da cultura deles (VIANNA; LOVISOLO, 2009). Do mesmo modo, Barreto e Perfeito (2018) reafirmam que não se deve apenas praticar o esporte de movimento, mas associar a prática esportiva com a cultural local dos participantes do projeto.

Diante disso, considerando as especificidades dos alunos e o conhecimento prévio que possuem, o professor pode selecionar os conteúdos e as estratégias para serem utilizadas nas suas aulas (PALMA et al., 2009).

Em vista disso, o planejamento da ação pedagógica por parte do professor deve ser centrado no indivíduo, visto que favorecerá positivamente o desenvolvimento do aluno no projeto de inclusão social. Desse modo, os projetos de inclusão social encorajam os participantes por meio de atividades que os motivem a fortalecer os seus valores e que garantem uma perspectiva benéfica na sua formação, diminuindo os malefícios e os riscos da violência encontrados na sociedade (BARRETO; PERFEITO, 2018). Além disso, focalizam a percepção do aluno acerca do valor da atividade realizada e faz com que tenham uma participação ativa e os tornem mais confiantes diante dos desafios propostos durante as aulas (PALMA et al., 2009).

Palma et al (2009) destacam também que a finalidade de tornar um ambiente em que os alunos compreendam as atividades como práticas prazerosas parte da identificação das barreiras que prejudicam tal processo. Assim, com o ambiente mais prazeroso é possível que os indivíduos incorporem as experiências em seu cotidiano.

Por outro lado, o comportamento demonstrado pelo professor é um dos indicativos da relação motivacional dos alunos no sentido de participar da prática esportiva. De acordo com o que Machado et al (2012) ressaltam, os professores não determinam de forma habitual uma perspectiva motivacional controladora, mas, muitas vezes, consideram as motivações dos alunos ao participar das aulas apenas em razão de suas perspectivas. Com efeito, acabam os inibindo de criar seus modos de agir, pensar e de sentir. No entanto, o professor que utiliza de estratégias para que o aluno preste atenção na aula ou para conter comportamentos negativos não o torna um professor controlador. O controle se evidencia quando o professor tolhe o aluno de manifestar suas emoções e/ou desconsideram sua visão de mundo.

Por conseguinte, destaca-se um professor diretivo quando demonstra um gesto técnico que deve ser realizado e qualquer distanciamento do que se propôs na demonstração é considerado errado e que merece ser corrigido. Por esse viés, considera-se o ensino apenas unidirecional, no qual tão somente há uma proposta de realização do fundamento e uma resposta correta (PALMA et al., 2009). Ademais, o professor que apenas resalta a sua visão acerca de um modelo correto de execução das atividades pode restringir a autonomia do indivíduo e desmotivá-lo a participar da prática esportiva. Diante disso, os autores ressaltam que:

Num estilo de ensino centrado na figura do professor ou diretivo, em que existe um modelo a ser seguido e em que qualquer desvio do padrão estabelecido é considerado um erro, há pouco espaço para a expressão das diferenças, o que pode levar as crianças a diminuir o grau de participação ou, até mesmo, a abandonarem a atividade. Esse estilo de ensino deve ser mais utilizado quando o objetivo é a especialização esportiva, que ocorre quando o jovem já possui um alto nível de desenvolvimento das habilidades fundamentais e, então, opta por um esporte específico (PALMA et al., 2009, p. 92).

Em contraposição, um professor que promove a autonomia nas suas aulas alcança aspectos que estimulam a motivação intrínseca dos alunos e, a partir das satisfações básicas da autonomia, oferta motivos significativos para a realização da prática disposta nas aulas que visivelmente aparentam ser pouco cativante, utiliza de mecanismos da fala mais elucidativa que não necessita ser controlador, respeitando o andamento de aprendizagem de cada aluno e estimulando a capacidade educativa e de pertencimento dos indivíduos. Destarte, ressalta-se que um ambiente promotor de autonomia beneficia o desenvolvimento do aluno e a sua aprendizagem (BARRETO; PERFEITO, 2018). Diante disso, acrescenta-se também que o professor pode levantar problematizações para que os alunos descubram por si como desempenhar determinada atividade de forma particular (PALMA et al, 2009), bem como, destaca-se que:

Nessa proposta, os alunos exploram as possibilidades de movimento a partir de um problema colocado pelo professor, o qual, paulatinamente, seleciona aspectos cada vez mais específicos que estão na direção dos objetivos pré-estabelecidos de aprendizagem e introduz novas questões que orientam as crianças rumo à descoberta dos conhecimentos (PALMA et al., 2009, p. 93).

Em síntese, os alunos podem alcançar diversas possibilidades para o seu desenvolvimento mediante a intervenção proposta pelo professor. Logo, para que isso ocorra, o professor precisa reinventar sua prática pedagógica com a utilização de mecanismos que busquem ressaltar o ensino educacional pelo esporte, a construção de um ambiente que preze pela coletividade, solidariedade e respeito construído entre os alunos para que possam alcançar de forma crítica o entendimento acerca da prática esportiva, do autoconhecimento e do seu movimento realizado nas aulas (PALMA et al., 2009). Salienta-se ainda que:

Ao contrário do que, por vezes, pode-se pensar ao utilizar esse método, apesar deste estilo de ensino estar centrado na vontade da criança explorar os objetos e o ambiente, os professores não são passivos nesse processo. Tanto as intervenções específicas sobre as tarefas, como as mediações de natureza afetiva, isto é, o apoio, a /proposição de desafios e o auxílio aos aprendizes em suas investidas, além da preparação de um ambiente estimulante, são atitudes decisivas para o nível de motivação e evolução dos alunos (PALMA et al., 2009, p.96).

No mais, o professor também precisa agregar em toda sua prática pedagógica a utilização do mecanismo de feedback para que busquem um equilíbrio a partir da utilização do dispositivo, tornando as suas aulas um ambiente prazeroso e motivante para todos. Assim, o feedback se subdivide em intrínseco e extrínseco, sendo que no intrínseco o aluno se autoanalisa a partir dos erros e acertos propostos na prática, utilizando-se dos canais sensoriais como um meio e, em seguida, ocorre o extrínseco com a atuação do professor, ajudando o aluno com falas efetivas e motivacionais para tal situação. Os feedbacks extrínsecos e intrínsecos são indissociáveis e, utilizados de forma adequada pelo professor, podem se tornar decisivos para o desenvolvimento do indivíduo de forma benéfica (PALMA et al., 2009).

5 O ENSINO DO VOLEIBOL: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES EM PROJETOS SOCIAIS.

O ensino esportivo se manifesta por dois vieses que estão intrinsecamente ligados na prática pedagógica, o ensinar pelo esporte e para o esporte. O ensino pelo esporte configura os caminhos metodológicos para se ensinar o esporte, bem como a ampliação dos aspectos reflexivos e críticos que permeiam a prática, fazem parte do ensinar pelo esporte (GRECO; SILVA; SANTOS, 2009).

Desta forma, para que o ensino do esporte seja contemplado em toda a sua complexidade, faz-se necessário compreender os elementos técnico-tático, histórico cultural e socioeducativo para que utilizem o conhecimento dentro da prática do jogo e em seu cotidiano. Assim, devem-se destacar os três elementos sem que haja a supervalorização apenas de um, como já se presencia na maioria das aulas de educação física, no qual valoriza apenas os aspectos motores (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

Por outro lado, se a operacionalização do professor não estiver em consonância com os seus objetivos, acarretará um aprendizado sem significado para o aluno, com apenas execuções dos fundamentos, sem transcender a prática para o seu cotidiano (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

Deste modo, começamos as análises a partir dos elementos técnico-tático do ensino esportivo. Para tanto, salienta-se que, para alguns teóricos da área, o ensino esportivo começa a partir do jogo. Diante disso, Greco, Silva e Santos (2009, p. 164) afirmam que:

O processo de ensino-aprendizagem começa com o jogo, jogar para aprender. Nessa concepção pedagógica pode ser realizado um paralelo com a aprendizagem da fala. “Nesse contexto a fala corresponde ao aprendizado incidental e intuitivo que as pessoas adquirem pelo convívio com a língua e com outros falantes. Pode-se interpretar que da mesma forma o jogador aprende a jogar jogando. As habilidades linguísticas que exigem uma dimensão técnica específica, como o ler e escrever, não são desenvolvidas a partir da fala, assim como apenas uma parte das habilidades corporais específicas relacionadas aos jogos esportivos coletivos pode ser aprimorada por meio exclusivamente da prática.

Da mesma forma, Machado, Galatti e Paes (2012) acrescentam que nos jogos esportivos coletivos o aluno tem a sua ação a partir da leitura do jogo com execução da tomada de decisão. Logo, visando esses elementos, o ensino aprendizagem deve ser pautado na vivência do jogo, unindo a técnica com a tática para que o aluno compreenda como e quando usar o que foi aprendido em uma situação de jogo.

Desses elementos, a técnica presente no voleibol corresponde à forma de executar os gestos motores do saque, da manchete, do toque de dedos, da cortada, da largada/pingada, do bloqueio, do peixinho/mergulho, entre outros. A execução correta desses movimentos é muito importante para a prática desse esporte. A própria característica da modalidade, que necessita manter a bola no ar sem agarrá-la, condiciona essa necessidade de execução dos movimentos proficiente. Todavia, é fundamental ter ciência que os gestos técnicos mencionados, correspondem à última parte de um complexo processo cognitivo que ocorre em cada jogador. Por esse motivo, entre outros, é essencial não desvincular o ensino da técnica, da dimensão tática. Torna-se importante compreender os gestos motores como respostas para os problemas que surgem durante as partidas (BORGES; DINIZ, 2017, p. 376).

Além disso, exercícios estáticos e/ou com o parceiro limita o aprendiz a vivenciar o vôlei apenas pelos aspectos técnicos. No entanto, o aprendiz que não vivencia a técnica em um exercício que remeta ao jogo ou propriamente o jogo, de nada servirá, visto que eles não conseguirão acessar os aspectos técnicos no jogo que requer dinamismo e tomada de decisão. Os fundamentos são ensinados para que sejam utilizados no jogo, já que são meios para a obtenção do objetivo que é jogar (BOJIKIAN; BOJIKIAN, 2009). Para Borges e Diniz (2017, p. 376):

É interessante que tudo o que envolve o aprendizado do aluno na aula (tipo de tarefas, intervenção do professor, função que o aluno desempenha, etc.) esteja vinculado com as intenções táticas características da modalidade (construir o ataque utilizando três contatos com a bola, localizar os espaços livres na quadra adversária para lançar a bola, posicionar-se para realizar a recepção do saque, entre outros). Conseqüentemente, os gestos técnicos são conseqüências de tomadas de decisão oriundas da dimensão tática e precisam estar ‘subordinados’ a ela.

Ademais, os jogadores constantemente são testados no sentido de tomar decisões durante o jogo e, para isso, faz-se necessário utilizar exercícios que requeiram com que o aluno solucione problemas. Por outro lado, a aplicação de exercícios fora do contexto do jogo impossibilita a formação de um jogador inteligente nas suas ações, visto que sem estímulos para a tomada de decisão o aluno apenas repetirá os movimentos aprendidos. Por conseguinte, trabalhar jogos com situações de problemas promovem no aluno a sua autonomia, bem como exercitam a elaboração de estratégias para os contextos de imprevisibilidade em cada situação de jogo. Com isso, ensinar a partir de jogos possibilita a ampliação dos desempenhos motores beneficiando o aluno a acessar respostas para a diversidade de problemas que o jogo cria (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). Segundo González (2017, p. 30), acrescenta-se que:

é importante salientar que nos esportes de invasão e de rede o foco do ensino está centrado no comportamento dos alunos frente às situações de jogo e não na realização isolada das habilidades técnicas (fundamentos) que compõem os esportes. Dessa forma, os planos dessas modalidades propõem, essencialmente, a utilização de jogos reduzidos, acompanhados da intervenção por parte do professor que privilegia a problematização e a reflexão dos alunos sobre as ações realizadas.

Em suma, o professor pode utilizar as variações dos jogos para que os alunos solucionem os problemas. Dentre os jogos, encontram-se o reduzido que tem a estrutura semelhante de um jogo formal, porém com modificações no tamanho da quadra, no número dos jogadores e na própria regra do jogo, bem como pode-se trabalhar os jogos pré-desportivos que também se estabelecem a partir de um jogo formal, só que de forma mais lúdica e o jogo propriamente dito, com as regras institucionalizadas (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). Em concordância, Müller (2009, p. 70) afirma, que:

A criança em processo inicial de aprendizado deve experimentar inúmeras variações do jogo, de acordo com a sua idade e limitações. Isto é possível basicamente diminuindo o tamanho da quadra, a altura da rede e o peso da bola, mostrando os espaços da quadra adversária e diminuindo os espaços da sua quadra. A utilização do minivôlei se torna imprescindível para crianças entre 10 e 12 anos, o qual carrega uma semelhança próxima à versão adulta do jogo e permite trabalhar conceitos de ataque e defesa, com alvos distintos, conforme a posição da bola e as posições dos jogadores do time e do time adversário.

Outrossim, o jogo precisa ter as condições necessárias para que o aluno cumpra com objetivo. Desta forma, o jogo se torna motivante quando o professor o torna realizável, para que não seja muito difícil ou fácil para o aluno. Consequentemente, então, os jogos precisam se transformar para almejar o objetivo da aula, assim como assegurar os alunos motivados (MACHADO; GALATTI, PAES, 2012). Do mesmo modo, Greco, Silva e Santos (2009, p. 181), afirmam que:

Na sequência das fases de aprendizado propõe-se que as crianças compreendam as regras do jogo, não importando se estas são simples, pois dão o formato ao jogo. No voleibol, por exemplo, quando a rede é modificada, o tempo que a bola fica no ar é maior. No futebol e no handebol, quando as traves são maiores, a possibilidade de que o gol seja feito é maior, já que fica mais difícil para os goleiros pegarem. Nessa fase, as crianças devem sentir prazer durante o jogo, desenvolvendo o interesse na participação. As alterações nas regras, no tamanho do campo e no tempo de jogo ocorrem com o objetivo de diversificar a capacidade tática.

Müller (2009) também ressalta que a utilização do minivoleibol possibilita o surgimento do prazer na criança de praticar o jogo. Em vista disso, os jogos precisam ser compatíveis com o nível de habilidade dos partícipes, isto é, as dificuldades devem ser

minimizadas. Com efeito, oportuniza o aumento do contato com a bola e, então, aumenta o tempo de bola no ar, assim como proporciona ao aluno uma apreciação pela prática e uma maior leitura de jogo.

O processo de ensino aprendizagem pode ser construído com o aluno a partir das respostas avaliativas que eles apresentam diante do jogo, ressaltando se a atividade proposta está difícil ou fácil. Em vista do que o aluno avaliou, o professor pode modificar o jogo e possibilitar novamente a animação na atividade. Como resultado, as modificações no jogo proporcionam uma maior interação social, criação de pensamentos solucionáveis durante o jogo, desenvolvendo, assim, as características da sociabilidade, bem como os aspectos cognitivos (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). Em síntese, Müller (2009, p. 72) acrescenta que:

Com a combinação entre as habilidades técnicas, físicas, táticas e psicológicas, o jogador terá a condição de “ver” e “ler”, em uma percepção completa, ilimitada e criativa, as opções que o jogo proporciona. O jogador pode perceber e antecipar situações específicas. Pode atacar nos espaços da quadra, bloquear um atacante habilidoso, defender bolas incríveis, conseguir aces com frequência ou pode fazer um levantamento deixando seus companheiros sem marcação de bloqueio adversário. Todos estes exemplos só acontecem devido à avançada inteligência tática dos jogadores.

Entretanto, o esporte vai muito além do que apenas a aquisição das habilidades motoras, objetivando-se proporcionar o aprendizado de valores, atitudes e comportamentos benéficos, visto que o esporte coletivo causa a interdependência na atividade, bem como resulta em reconhecer o companheiro com as suas necessidades e limitações, pois precisam um do outro para alcançar um só objetivo comum, sempre valorizando o respeito ao parceiro, as regras estipuladas e ao adversário. Assim, tais preceitos devem ser estimulados pelo professor nas suas ações e também devem fazer parte do planejamento (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

Diante disso, o professor pode propor dentro do seu planejamento discutir temas transversais correlacionando a prática esportiva e as causas sociais que os alunos vivenciam em seu cotidiano. Por conseguinte, Machado, Galatti e Paes (2012) propõem que o professor separe um momento nas suas aulas para discussões de temas como violência e/ou drogas no esporte, haja vista que as rodas de discussões possibilitam desenvolver nos alunos a criticidade, bem como faz com que o aluno se posicione e reflita com a ideia do outro, respeitando o discurso de cada um de forma saudável. Dessa forma, o professor tem a possibilidade de trabalhar dois referenciais, o sociocultural e o histórico-cultural.

Do mesmo modo, o professor pode promover no final das suas aulas um momento de conversa com alunos elencando os pontos ocorridos nas atividades tanto de caráter reflexivo acerca do comportamento, quanto como prática esportiva. Assim, o professor não pode deixar de discutir os gestos agressivos e preconceituosos ocorridos nas aulas, as brigas entre eles, as exclusões nas atividades e entre outros aspectos (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). Além disso, os mesmos autores acrescentam que:

Se um dos objetivos dos programas esportivos em projetos sociais está associado ao estímulo à formação plena e da autonomia dos alunos, é importante que o professor proporcione estes momentos para que aos poucos, os alunos tenham consciência e responsabilidade sobre suas falas e atitudes, tendo em vista o respeito à equipe enquanto grupo social (MACHADO; GALATTI; PAES. 2012. p. 172).

Em síntese, os autores Greco, Silva e Santos (2009, p. 198) ressaltam que:

A “Organização e Desenvolvimento Pedagógico do Esporte” apoia-se em uma concepção pedagógica que relaciona as estruturas necessárias à compreensão do processo de ensino-aprendizagem: estrutura substantiva (o que aprender-ensinar), estrutura temporal (quando aprender-ensinar), estrutura metodológica (como aprender-ensinar). A concepção pedagógica relaciona-se com as teorias desenvolvimentistas, porém não as “acata” em um sentido estrito; ao contrário, pelo referencial teórico da Teoria da Ação, na interação Pessoa-Tarefa-Ambiente, destaca-se a necessidade de se considerar a história de aprendizado e as influências do ambiente cultural e social das crianças e dos jovens participantes.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve como objetivo analisar as possibilidades e os desafios da prática pedagógica em projetos sociais, tendo sido realizada a partir de uma revisão de literatura através de renomados periódicos, como por exemplo: *Motriz*, *Motrivivência* e *Movimento*.

A investigação utilizou a abordagem qualitativa, tendo em vista que foi considerada a relação da dinâmica entre o projeto social e o sujeito, isto é, “uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1998, p.79). Esse estudo buscou compreender o significado dos resultados, a partir dos procedimentos metodológicos: entrevistas e análises dos dados relativos a quatro projetos sociais que utilizam o ensino do conteúdo voleibol.

Diante disso, Triviños (1987, p. 128) destaca as peculiaridades que definem a prática de investigação qualitativa que tem como característica:

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas, etc.

Sendo assim, pode-se afirmar que a característica acima citada se encontra em consonância com o que propõe a pesquisa, uma vez que a realidade no contexto do projeto social esportivo se constitui na fonte das informações. Com isso, a pesquisa buscou destacar as particularidades desses ambientes, de acordo com as perspectivas dos professores entrevistados.

6.1 CONTEXTOS PESQUISADOS

Como critérios da pesquisa, selecionamos projetos sociais que desenvolvem atividades voltadas para o voleibol, assim como professores com formação em educação física. Não só isso, mas também, selecionamos projetos que apresentam um documento com os registros para a sua idealização e execução.

A pesquisa foi realizada em quatro projetos sociais da região metropolitana do Recife e Olinda que atendem crianças e adolescentes da localidade em que o projeto está inserido, bem como nos bairros e cidades próximas ao local. São eles:

- Projeto Meninos e Meninas de Olinda- PMMO RUI;
- Projeto Recife Esportes de Rendimento;
- Projeto Passe para o Bem;
- Projeto de Peito Aberto.

6.1.1 Projeto Meninos e Meninas de Olinda- PMMO RUI

Localizado na cidade de Olinda/ Pernambuco e, de acordo com o professor entrevistado, o projeto consiste em atender a comunidade circunvizinha no bairro de Peixinhos. Atende em média cem participantes da faixa etária compreendida entre os oito e os vinte anos de idade. Não recebe apoio governamental, mas o auxílio de moradores e comerciantes engajados no processo de manutenção das atividades esportivas. Entre outros aspectos, destaca-se o tempo em que o professor responsável desenvolve suas atividades intermitentemente ao longo dos trinta anos de atuação com o projeto.

6.1.2 Programa Recife Esportes de Rendimento

Localizado na cidade de Recife/Pernambuco no bairro de Boa Viagem. De acordo com o professor entrevistado, o projeto tem como objetivo incentivar o esporte de rendimento para formação de atletas. O programa oferta escolinha de voleibol de praia para as crianças e adolescentes da faixa etária dos doze aos dezoito anos. São contemplados os estudantes da rede municipal, dos centros de referência especializados de assistência social (CREAS) e de projetos sociais realizados pela prefeitura do Recife.

6.1.3 Projeto Passe para o Bem

Localizado na cidade do Recife/Pernambuco no bairro da Boa Vista. Segundo o professor entrevistado, ele foi convidado pela Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente (GPCA) para elaborar um programa que pudesse favorecer as escolas públicas com elevados

índices de violência. Sem o apoio governamental o projeto atende adolescentes da faixa etária dos onze aos quinze anos de idade.

6.1.4 Projeto de Peito Aberto

Localizado na cidade do Recife/Pernambuco no bairro do Pina. Segundo o professor entrevistado, o projeto é executado há seis anos pela organização não governamental (ONG) de Peito Aberto. É viabilizado pela lei de incentivo ao esporte e tem apoio de empresas privadas e o Instituto João Carlos Paes Mendonça (IJCPM). O projeto atende crianças e adolescentes dos sete aos dezessete anos de idade e as atividades acontecem no contraturno escolar no período da manhã e da tarde.

6.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Segundo Triviños (1987), a pesquisa parte da importância de que o pesquisador busca conhecer as realidades nas quais estão inseridos os participantes do projeto. Assim, a perspectiva do pesquisador se baseia a partir das descrições da cultura em que o sujeito está inserido e o pertencimento da sua realidade. Portanto, o pesquisador e o sujeito têm participações ativas, compartilhando experiências culturais das suas realidades na procura de compreender os seus significados dentro pesquisa.

No que se refere ao ambiente dos projetos sociais, as declarações de todos os profissionais que participarão foram, inegavelmente, relevantes. Acrescenta-se ainda, que como critério da pesquisa, entrevistamos professores com formação em educação física. Por conseguinte, os sujeitos da pesquisa foram partes essenciais no desenvolvimento do trabalho, por essa razão tomamos como indivíduos da investigação:

- Um professor do projeto Meninos e Meninas de Olinda/PMMO-RUI;
- Um professor do projeto Recife Esportes de Rendimento;
- Um professor do projeto Passe para o Bem;
- Um professor do projeto Peito Aberto.

6.3 MEIOS E INSTRUMENTOS

Para compreender as opiniões e práticas pedagógicas nos projetos sociais pesquisados, foi utilizado um instrumento de recolha, em formato de entrevista semiestruturada, contendo onze perguntas que permeiam a prática pedagógica do professor.

A apropriação dos dados coletados foi efetivada pela entrevista semiestruturada, que para Lüdke e André (1986), é a técnica de entrevista que mais se adapta a uma pesquisa realizada nos contextos pesquisados, uma vez que esse recurso permite maior flexibilidade no momento de entrevista, pois pode apresentar um esquema básico e realizar adaptações posteriores. A entrevista foi elaborada a partir de um roteiro com questões que orientaram a problemática sobre as possibilidades e os desafios do ensino do voleibol nos projetos sociais (Apêndice A).

Houve uma preocupação com as questões éticas, considerando que além do consentimento dos entrevistados, tivemos o cuidado em garantir que os participantes do estudo fossem respeitados nos seus direitos e privacidade. As entrevistas foram realizadas nos locais onde os projetos aconteciam, em horários preestabelecidos pelos sujeitos. Foi utilizada a gravação de áudio com a autorização dos sujeitos. Segundo Gil (2006, p.119), “o modo mais confiável de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante o uso do gravador”. Acrescenta-se também que:

A gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio. Por outro lado, e isto tem dado para nós muitos bons resultados, o mesmo informante pode ajudar a completar, aperfeiçoar e destacar etc. as ideias por ele expostas, caso o fizermos escutar suas próprias palavras gravadas. Suas observações ao conteúdo de sua entrevista e as já feitas pelo pesquisador podem constituir o material inicial para a segunda entrevista e assim sucessivamente (TRIVIÑOS, 1987, p. 148).

6.4 MÉTODO DE ANÁLISE:

Segundo Triviños (1987), a análise de conteúdo tem como objetivo utilizar técnicas que analisem o diálogo com base nos aspectos de descrição da mensagem, considerando que permitirá colher os conhecimentos produzidos pelo discurso.

Com o recolhimento dos dados, partimos para a análise que se subdividiu em pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. Na primeira foram realizadas reuniões pautadas nas informações da entrevista semiestruturada com perguntas abertas. Logo após, ocorreu a descrição analítica com a identificação das respostas colhidas de forma aprofundada

em conjunto com a fundamentação teórica do trabalho. Consequentemente, buscou-se pontos convergentes e divergentes de ideias que estivessem unidas a uma concepção. Em seguida, a interpretação inferencial foi caracterizada como a fase de reflexões e de intuições do pesquisador apoiado pelo instrumento da coleta de dados (TRIVINÕS, 1987).

A análise dos dados foi realizada por intermédio das informações organizadas em categorias e conduzida de modo sincrônico, pois buscamos aprofundar aspectos da prática pedagógica em projetos sociais, a partir de eixos que a literatura considera fundamental para a compreensão dos desafios e possibilidades de ensinar voleibol em projetos sociais.

7 OS DISCURSOS QUE REVELAM OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DO VOLEIBOL EM PROJETOS SOCIAIS

Como falado anteriormente, a análise deste material foi realizada de modo sincrônico, pois buscamos aprofundar aspectos da prática pedagógica em projetos sociais, a partir de eixos que a literatura considera fundamental para a compreensão dos desafios e possibilidades de ensinar voleibol em projetos sociais.

Portanto, sentimos a necessidade de analisar cada um dos itens separadamente com a intenção de facilitar a compreensão como um todo.

7.1 OBJETIVO DOS PROJETOS SOCIAIS

Considerando que estudo proposto foi realizado com quatro professores, com o intuito de favorecer a compreensão das falas apresentadas optou-se por utilizar uma codificação com as letras do alfabeto “A, B, C, D”. Os professores foram categorizados de acordo com as falas abaixo, a fim de entendermos o local de fala de cada uma das pessoas que colaboraram com a investigação.

Todos os sujeitos pesquisados contribuíram com suas falas acerca da finalidade de cada projeto social, o que pode ser verificado com as assertivas a seguir indicadas:

1. Aqui na “escola tal” tem o objetivo principal de tirar os meninos dessa... desse tempo ocioso, o objetivo principal é esse, né? E que o menino fica muito ocioso e aqui é um ambiente meio pesado e a gente tenta atrair o máximo de alunos para ocupar esse tempo deles mesmo (PROFESSOR A).
2. O objetivo principal é formar cidadãos... Ajudar a partir do esporte, que é um instrumento muito válido pra esse objetivo. Então, formar cidadãos e ensinar a eles a serem disciplinados...e como educar um pouco... de educação também, não só a prática esportiva (PROFESSOR B).
3. Combater a violência, combater a criminalidade através de uma atividade esportiva pedagogicamente orientada (PROFESSOR C).
4. Objetivo do projeto é formar atletas de vôlei de praia, oportunizando essa modalidade para crianças de baixa renda, de escolas municipais e públicas em geral (PROFESSOR D)

Diante das entrevistas, foi perceptível nas falas dos professores, ao referenciar que o projeto social vai além de tirar os meninos da rua, mas ensinar valores, respeito, ética, assim como ensinar a prática esportiva, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças participantes do projeto.

Do mesmo modo, Machado, Galatti e Paes (2012) afirmam que o projeto social nasce com a finalidade de intervir com práticas educativas para indivíduos que se encontram em contato com os riscos provenientes dos contextos sociais como a criminalidade e violência encontrado nas comunidades, nos lares e nas ruas.

7.2 OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DO ENSINO ESPORTIVO NO PROJETO SOCIAL.

De acordo com as perspectivas citadas através do referencial, as possibilidades são diversas e espera-se que o aluno aprenda a cultura corporal da prática esportiva, o que é aprender o voleibol, aprendam os valores, o respeito, a ética com o próximo, ou seja, os valores atitudinais para que eles utilizem isso não só no projeto, como também no seu cotidiano, no seu ambiente familiar, no convívio com amigos entre outros. Já os desafios são justamente que eles possam incorporar esses princípios que estão sendo passados dentro do projeto social, que eles busquem entender o real valor do que está sendo proposto pelo professor para que eles se tornem sujeitos emancipados. Além disso, grandes desafios provêm da falta de recursos nos projetos que não são subsidiados pelo Governo e apresentam muitas dificuldades estruturais. Diante do discurso apresentado, questionamos os professores acerca dos desafios e possibilidades que eles enfrentam na sua prática pedagógica do ensino esportivo no projeto social e obtivemos as seguintes respostas:

1. Fazê-lo com que identifique a importância da atividade pra a vida deles, talvez seja o maior desafio e a gente tenta adequar as aulas para que eles tenham um prazer em fazer (PROFESSOR A).
2. Evitar que esses alunos peguem uma direção para as coisas erradas, como aqui no bairro tem muito disso (PROFESSOR B).
3. Os desafios passam muito pelos recursos materiais e pela logística no que se entende o ginásio (...) a finalidade do nosso projeto é realmente transformar a qualidade de vida através do esporte, mas o esporte como um meio e não como um fim (PROFESSOR C).
4. Acho que o grande desafio é manter... manter os garotos motivados (...) a gente conseguir agregar os valores que são realmente o fim do nosso processo (PROFESSOR D).

7.2.1 A importância da atividade para a vida dos alunos

Ao analisar as falas, os professores A, B, C e D entram em consonância ao referenciar as possibilidades que enfrentam em seus respectivos projetos sociais, em decorrência de uma prática pedagógica referenciada no objetivo de agregar valores, bem como ofertar a prática esportiva principalmente para aqueles que não tem condições financeiras e que vivem à margem da sociedade capitalista.

7.2.2 Desafios da falta de recursos materiais

Compreendendo as falas, pode-se perceber que o professor B e C enfrentam a falta de apoio governamental que dificulta a aquisição de materiais para a subsistência do projeto social, bem como as políticas públicas voltadas para capitanear recursos para a manutenção do projeto social são recentes, sendo assim, não conseguem abarcar vários projetos sociais esportivos que existem e que são de grande valor para a sociedade.

7.3 O ENSINO ESPORTIVO E A CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL

A prática esportiva possibilita a sociabilização dos indivíduos, noções de ética e cidadania, ou seja, transcendem a prática para o seu cotidiano. Diante disso, fizemos o seguinte questionamento aos professores: se a partir das aulas, eles percebem a contribuição no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Por conseguinte, as respostas foram:

1. Principalmente social, é... as minhas atividades em si, eu busco muito fazê-los com que eles pensem, uso somas, dificulto um pouco, o nível de complexidade um pouco maior para fazer com que eles desenvolvam o cognitivo (...)nas atividades, sempre em grupos, nunca individual, sempre em grupo, esses trabalhos analíticos que eu não sou muito favorável, eu tento fazer em grupo que eu acho que atinge maior o meu objetivo principalmente social (PROFESSOR A).
2. Muitos chegam aqui de certa forma um tanto agressiva e... não tem nenhuma disciplina, não tem respeito (...) antes que a coisa tome rumos diferentes, a gente chega logo junto e explica qual o objetivo do projeto e principalmente a não violência (PROFESSOR B).
3. Nós temos antes de cada treino, nós temos uma palestra sobre um tema atual ou sobre qualquer tema que possa influenciar no rendimento dele e na aprendizagem (...) objetivo é transcender isso, é fazer viabilizar uma vaga na escola da rede particular e através desse ensino de qualidade melhor, ele modificar na prática a sua qualidade de vida. (...) e sempre mostrando quanto isso pode melhorar a qualidade de vida deles e da comunidade que os cerca, inclusive (PROFESSOR C).

4. Onde alguns dos alunos estudam e os professores relataram uma melhora tanto no desempenho escolar como na, desempenhos de nota, como no próprio comportamento dos alunos na escola e a gente vai identificando através até dos próprios exercícios que a gente propõe eles têm uma demanda cognitiva, muitas vezes onde a gente consegue perceber e vai acontecendo essa evolução dos alunos (PROFESSOR D).

7.3.1 Comportamento e respeito dos alunos

Diante dos discursos, pode-se perceber uma concordância entre professores B, C e D, pois eles relatam que o projeto social estimula nos indivíduos a compreensão de valores e respeito ao outrem, não só isso, mas também uma prática pedagógica direcionada que contribui para que o aluno se desenvolva de forma crítica diante das suas atitudes e diante do que acontece ao seu redor. Além disso, os professores devem ensinar pelo esporte, agregando à sua prática o ensino educacional, como sociabilização, sensibilização com os companheiros do grupo entre outros aspectos.

Mediante o exposto, um dos benefícios do ensino esportivo é a possibilidade de aprender conteúdos que superam a vivência motora, ou seja, estimulam a compreensão de valores, comportamento sadio e companheirismo (PALMA et al., 2009).

7.3.2 Trabalho em grupo como objetivo social

Segundo o professor A, tarefas em grupo possibilitam trabalhar o social dos alunos. Diante disso, o esporte coletivo oportuniza a criação de estratégias e a busca de soluções em conjunto para alcançar um só objetivo. Em vista disso, proporciona a mutualidade, a respeitar os limites do outro, bem como proporciona a sociabilização.

O esporte não é objetivado apenas para aptidão de habilidades motoras, visto que também proporciona o aprendizado de valores e atitudes, pois, como esporte coletivo, trabalha com a interdependência na atividade. Por isso, resultando no conhecimento do companheiro diante da suas necessidades e limitações, levando em conta que precisam um do outro tendo um objetivo em comum; sempre levando em consideração o respeito ao parceiro, às regras estabelecidas e aos adversários. Nessa perspectiva, tais afirmativas devem ser estimuladas pelo professor nas suas ações e devem fazer parte de seu planejamento (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

7.4 PROCEDIMENTOS DE INCLUSÃO NAS AULAS

A inclusão ocorre a partir de práticas educativas que valorizem a todos sem distinção, independente dos seus aspectos físicos, da deficiência, da raça ou do gênero, mas que todos aprendam para o esporte e pelo esporte, contribuindo assim, para o desenvolvimento do indivíduo de forma integral. Desse modo, diante do que foi exposto, foi perguntado aos professores quais os procedimentos de inclusão eles utilizaram nas aulas. Logo, chegamos até as respostas em exposição:

1. Temos alguns alunos autistas e eles nunca ficam de fora das atividades, eles sempre, todas as atividades inclusivas os outros as vezes rejeitam (...) verbalizar, conversar, tentar mostrar a eles que eles poderiam ser aqueles meninos também que queriam estar na atividade, então todas as atividades, todos estão inclusos (PROFESSOR A).
2. Nós fomos separando por níveis, as vezes tem meninos de quase dois metros e criança de um metro e cinquenta, mas é tão bom quanto, então a gente faz a misturada aí, inclusive serve para um ajudar o outro também nas dificuldades (PROFESSOR B).
3. Com relação a deficientes, não. Porque a finalidade do nosso projeto é formar atletas de rendimento, atletas para competir. (...) nós temos critérios claros com relação a estatura, com relação a idade, para não gerar futuramente frustrações (...) inclusão na prática ela passa a partir do momento que nós direcionamos vagas para os alunos de baixa renda socioeconomicamente (PROFESSOR C).
4. Por mais que seja formação de atletas, a gente utilize... a ideia é que o aluno ele não seja excluído do projeto por uma questão de biótipo ou de alguma característica física (...) valorizar muito, é...alguns valores que não o desempenho esportivo específico (...) formação de atletas no sentido integral (PROFESSOR D).

7.4.1 Inclusão de deficientes

Tal preceito, a nosso ver, é um dos grandes obstáculos para os professores implantarem verdadeiras intervenções pedagógicas que agreguem todos os segmentos envolvidos nos projetos sociais, inclusive os deficientes, atores sociais por nós escolhidos como centro da presente reflexão. O corpo perfeito, aliado ao discurso da saúde e da noção de competição, sempre esteve povoando o universo da prática esportiva. Os professores, na maioria das vezes, pautam suas ações pedagógicas no sentido de consolidar tal pensamento e permitir que os alunos incorporem um estilo de vida ativo para atingirem tal propósito, pois o corpo sem defeito é o corpo emblemático do fenômeno esportivo, tornando-se, muitas vezes, referência única para todos (MELO; DIA, 2009, p. 22).

Diante da citação exposta anteriormente, podemos analisar que o professor A, a partir da sua fala, privilegia um ensino sem limitações, promovendo aos alunos o olhar crítico de que todos podem ter acesso ao esporte, assim como realizar as atividades em conjunto, visto

que não existe corpo perfeito para a prática esportiva, mas um corpo com possibilidades de transformação.

Por outro lado, compreende-se que o professor C privilegia o corpo “perfeito” para alcançar a performance, exceto em casos nos quais o aluno deficiente se encaixe no “padrão” do processo seletivo estabelecido pelo projeto, isto é, meninos altos e fortes, como referenciado na seguinte fala abaixo: “Com um aluno portador de déficit auditivo (...) não seria um empecilho com a maneira de se comunicar se ele tivesse os requisitos do que a modalidade exige.” (PROFESSOR C).

7.4.2 Formação de atletas

Existem projetos que são de cunho social, mas não necessariamente inclusivos. Eles incluem determinadas pessoas em situação de vulnerabilidade e oportunizam a chance de alcançar algo a mais, porém, os indivíduos só participarão de tal projeto caso preencha os pré-requisitos, ou seja, é uma seleção e não uma inclusão propriamente dita.

Por esse viés, compreendemos que o professor C utiliza de mecanismos de seleção para que atinja seu objetivo que é a formação de atleta, ou seja, reafirmando uma prática excludente visando apenas os mais aptos e habilidosos.

Em oposição, ao analisar os professores B e D, podemos inferir que eles têm o objetivo de formar atletas. No entanto, compreendem que a prática pedagógica transcende esse objetivo, que vai além da aquisição das habilidades motoras e o alcance de resultados.

7.5 EXPECTATIVAS E OBJETIVOS DOS ALUNOS

Os alunos ingressam no projeto social com objetivos distintos. Por isso, cabe ao professor compreender a finalidade de cada aluno, levando em consideração a cultura em que estão inseridos, bem como respeitar as especificidades de cada um. É importante analisar as falas dos professores a partir da indagação acerca dos objetivos e expectativas dos alunos que ingressam nos respectivos projetos. Assim, chegamos até as respostas a seguir:

1. Ser algum atleta profissional, seja de qual modalidade (...) eles vêm com prazer mesmo de fazer a atividade (...) eles sempre buscam um atleta e outro que sempre chegam comentando e dentro desse atleta ele consegue ter essa motivação a mais para fazer a atividade, tudo a partir da mídia (PROFESSOR A).

2. Ter a oportunidade de aprender a jogar voleibol (...) querem ser grandes jogadores, chegar à seleção, primeiro a pernambucana, depois a seleção brasileira (PROFESSOR B).
3. Se eles não vierem com esse objetivo, será colocado para eles... o objetivo é que eles modifiquem a sua qualidade de vida (PROFESSOR C).
4. Os objetivos dos alunos é... é se tornarem atletas de voleibol de praia (...) poder disputar competições e se destacar nas competições (PROFESSOR D).

Analisando os professores A, B e D podemos perceber que os alunos ingressam no projeto social com a finalidade de “mudança de vida”, pois no contexto em que eles estão imergidos, a percepção de ascensão está atrelada à prática esportiva, ou seja, na visão de cada um deles, a partir do esporte eles conseguirão estabilidade financeira para ajudar as suas famílias. Isso acontece, muitas vezes, pela força midiática presente em nossa sociedade, como mencionado pelo professor A.

Diferentemente dos professores analisados anteriormente, o professor C, em sua fala, parece anular as expectativas dos alunos em detrimento das suas, como idealizador do projeto. Desse modo, sendo um professor controlador, considerando as motivações dos alunos apenas pelas suas perspectivas, acarretando, assim, a inibição das especificidades de cada indivíduo ali presente, ou seja, desconsiderando a visão de mundo do aluno pelas expectativas já pré-estabelecidas pelo projeto (MACHADO et al., 2012).

7.6 MOTIVOS DE PERMANÊNCIA DOS ALUNOS

O motivo para a permanência dos alunos no projeto social é caracterizado quando reconhecem que a prática é motivante, ou seja, quando o professor valoriza sua prática centrada nos alunos, não esquecendo o ambiente em que ele está inserido, levando para as aulas aspectos presentes no seu cotidiano, assim, fortalecendo os seus valores. Ademais, a prática se torna mais motivante quando o professor trabalha com atividades que levem em consideração a coletividade, o respeito ao próximo, o companheirismo, entre outros. Conforme referenciado, questionamos os professores acerca dos motivos da permanência dos alunos no projeto social em que eles ensinam e conseguimos as seguintes respostas:

1. Prazer em fazer as atividades (...) é preciso fazer trabalhos de competição eles têm mais prazer de realizar (PROFESSOR A).

2. A amizade entre eles (...) por gostarem também do esporte (...) pode levar a eles serem grande cidadãos, é... e conseguir uma vida melhor para eles (PROFESSOR B).
3. Questão da sociabilização, o ambiente é muito saudável, eles se sentem muito bem entre eles e recebem muito bem (PROFESSOR C).
4. Os motivos da permanência é... envolvimento com a modalidade (...) o próprio ambiente que também se torna um ambiente onde eles se identificam (...) o próprio desejo em se tornar um atleta (PROFESSOR D).

7.6.1 O prazer da prática esportiva

Analisando os professores, podemos perceber que o A, B e D relatam que um dos aspectos para a permanência dos alunos no projeto se refere ao prazer e envolvimento com a prática. Por isso, Palma et al (2009) afirmam que quando se identificam as barreiras que interferem a vivência dos alunos na prática, o ambiente se torna mais propício para a compreensão, por parte dos alunos, como atividades prazerosas.

7.6.2 Ambiente saudável

Observando as falas dos professores C e D, identificamos que um ambiente prazeroso torna a prática mais motivante, ou seja, o bom convívio, afetividade, respeito entre si, possibilitando a permanência dos alunos no projeto social. Por essa perspectiva, Palma et al (2009, p. 96) pontuam que:

Tanto as intervenções específicas sobre as tarefas, como as mediações de natureza afetiva, isto é, o apoio, a /proposição de desafios e o auxílio aos aprendizes em suas investidas, além da preparação de um ambiente estimulante, são atitudes decisivas para o nível de motivação e evolução dos alunos.

7.7 CAUSAS DE DESISTÊNCIA

As causas de desistência ocorrem, em sua maioria, quando os professores não levam em consideração os interesses dos alunos, quando não há uma elaboração de um plano de atividade que não esteja centrada e, além disso, quando um professor é mais controlador, pois inibe as particularidades dos alunos. Diante das perspectivas levantadas, questionamos os

professores quanto às causas de desistência em seus projetos sociais e obtivemos as seguintes respostas:

1. No início teve uma desistência por que só tinha meninos, não tinha meninas, mesma atividade inserida pro grupo as meninas se envergonhavam (...), mas desistência mesmo, não teve ainda (PROFESSOR A).
2. Tem políticos aqui que pedem a quadra na hora do nosso treino (...), aí sábado não vai haver por isso (...) outro sábado novamente isso (...) eles vão desmotivando, aí vão pra rua (PROFESSOR B).
3. O índice de desistência é muito baixo, baixíssimo (...). Às vezes aspectos financeiros, eles não têm a passagem ou às vezes aspectos familiares, certo... sociais, “meu pai é alcoólatra” (PROFESSOR C).
4. Comum alguma situação dos pais, de proibir ou de não querer que a criança tá... esteja indo lá pro projeto (...) também é comum que eles desistam porque não tem esse, interesse no sentido da prática do esporte (PROFESSOR D).

Observando as falas dos professores, percebemos que há uma unanimidade referenciando que, em seus respectivos projetos, a desistência não está atrelada à prática pedagógica do professor, mas aos fatores externos, o que em relação aos projetos pesquisados se distancia do referencial teórico. Nesse sentido, entre os diversos fatores externos, são mencionadas causas familiares (família desestruturada, situação financeira, entre outros), falta de interesse no esporte e uso do espaço para outras práticas no horário do projeto sem aviso prévio, o que inibe a sequência de todo o trabalho de anos no local.

7.8 ATIVIDADE QUE DESENVOLVAM A AUTONOMIA DOS ALUNOS

Para desenvolver a autonomia dos alunos, os professores podem planejar problematizações em atividades, fazendo com que o aluno acesse suas respostas de forma independente a partir do que o jogo pede para solucioná-lo. Sendo assim, convém ressaltar que um ambiente que promove a autonomia beneficia o desenvolvimento do aluno e a sua aprendizagem. Diante disso, foi perguntado aos professores se eles desenvolveram atividades que promoveram autonomia dos alunos e foram destacadas as seguintes afirmativas:

1. Tomada de decisão, então eles podem fazer o que eles acharem melhor, dentro de suas regras, claro! (...) eu não posso impor algo, saca com a direita, enfim, exemplificando, se na hora eles acharem que se deve sacar com a esquerda (PROFESSOR A).
2. A tomar decisões (...) se um aluno chega, oi professor, eu posso fazer de tal forma, eu digo vá, se você conseguir, tudo bem (PROFESSOR B).

3. O projeto ele trabalha essa questão da autoestima, essa questão da atitude voltada pra solução de problemas dentro da perspectiva de uma autonomia (...) porque haverá determinados momentos que ele vai ter que ser o elemento de soluções de problemas da própria família. (PROFESSOR C).

4. Em atividades relacionadas diretamente ao jogo, com situações que eles têm que tomar decisão do problema apresentado no exercício ou com situações que não são diretamente relacionadas ao voleibol de praia (PROFESSOR D).

Ao constatar as falas dos professores, podemos identificar semelhanças, visto que todos afirmam que procuram promover a autonomia dos alunos a partir da tomada de decisões e a solução de problemas durante o jogo e no seu cotidiano. Com isso, a autonomia do aluno pode ser desenvolvida em jogos com situações de problemas, como exercício de elaboração de estratégias para o contexto de imprevisibilidade em situações diferentes no jogo, possibilitando também o desenvolvimento dos aspectos motores (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

7.9 MÉTODO DE ENSINO DO VOLEIBOL EM PROJETOS SOCIAIS

A prática do voleibol requer constantemente que os indivíduos acessem a tomada de decisão durante o jogo e, assim, solucionem os problemas. Por conseguinte, os exercícios devem estar dentro do contexto do jogo, visto que possibilitarão a formação de um sujeito sábio na aplicação de suas ações. Em vista disso, foi perguntado aos professores quais métodos de ensino que eles utilizavam para o ensino do voleibol e chegou-se às seguintes declarações:

1. Todas as minhas aulas sejam qualquer modalidade é em cima disso para que os alunos tomem decisões, sejam criativos (...) sou muito a favor de aprender jogando (PROFESSOR A).

2. Não dá para jogar se não tem a base (...) não adianta ir para o jogo (...) primeiro vamos aprender os fundamentos (PROFESSOR B).

3. Eu gosto muito do ponto de vista da psicologia do método gestáltico, certo... o todo pela soma das partes, então é...fragmento o voleibol em fundamentos e os fundamentos em fases (...) Aprender através do jogo é extremamente perigoso (...) é a prática pela prática e isso é perigoso, principalmente em uma modalidade tão técnica que é o voleibol (PROFESSOR C).

4. Eu utilizo bastante o método situacional, trabalho baseado muito em, em jogos reduzidos (...) com jogos adaptados, boa parte das aulas, minijogos e essa metodologia é mais situacional (PROFESSOR D).

Analisando as falas dos professores A e D, foi possível notar que utilizam o jogo como uma possibilidade para a tomada de decisão, bem como desenvolver a criatividade, visto que a utilização de jogos modificados proporciona o surgimento de tais aspectos.

Por outro lado, os professores B e C acreditam que o aluno deva primeiro aprender os fundamentos técnicos para obter uma base e só assim chegar ao jogo, uma vez que, segundo eles, ensinar a partir do jogo trará uma formação deficitária quanto ao ponto de vista técnico e psicológico dos alunos. Contudo, aplicar exercícios estáticos e que não remetam ao jogo apenas irá limitá-los, visto que conseguirão compreender a dinâmica do jogo para acessar a tomada de decisão. Assim, os fundamentos são meios para que o indivíduo consiga jogar e não uma finalidade (BOJIKIAN; BOJIKIAN, 2009).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto possibilitou analisar a prática pedagógica em projetos sociais, compreendendo os desafios e as possibilidades que os professores enfrentam ao ensinar o conteúdo voleibol. O projeto social possibilita o ingresso de crianças e adolescentes em contextos nos quais podem realizar práticas educativas referenciadas no ensino de valores, para que o aluno adote um estilo de vida saudável longe das ruas e da violência, não só, mas também, possam vivenciar a prática esportiva, que é direito de todos. Mediante o exposto, o trabalho permitiu a realização de uma pesquisa de campo com o intuito de obter dados que pudessem referenciar o seu objetivo, que compreendeu os desafios e possibilidades no ensino esportivo em projetos sociais, a motivação de crianças e adolescentes a participarem do projeto social e a prática pedagógica do ensino do voleibol em projetos sociais.

A pesquisa compartilhou as realidades e experiências no ensino esportivo em projetos sociais, visto que buscou novos olhares no sentido de fazer com que os acadêmicos tenham possibilidades de discutir acerca dos desafios que os professores enfrentam na prática e as possibilidades de transformação, bem como inspirar professores a ingressar em projetos sociais a partir das reflexões que o trabalho apresentou.

Além disso, o projeto social tem a importante finalidade de promover a prática esportiva com os benefícios na formação do indivíduo em sua totalidade, contemplando seus aspectos sociais, cognitivos e motores. De modo semelhante, possibilita a luta por mais projetos de inclusão social para que todos tenham acesso à prática esportiva.

Dessa forma, foi caracterizada a afirmação de ideais que, a partir de uma prática referenciada, sem distinção de pessoas pode possibilitar o desenvolvimento de crianças e adolescente, além de viabilizar a mudança de vida dos indivíduos que vivem à margem da sociedade.

Com base na coleta de dados foi possível perceber os desafios enfrentados pelos professores em seus respectivos projetos sociais. Todos reconhecem que o projeto social tem a finalidade de proporcionar o ensino do respeito ao próximo, atitudes, senso crítico e entre outros aspectos, bem com poder ofertar o esporte para crianças em vulnerabilidade social e pessoas de classes mais baixas. Vale frisar que alguns projetos sociais referenciados na pesquisa não recebem ajuda governamental e precisam da captação de recursos financeiros para a sua manutenção.

Outrossim, alguns professores reconhecem que a inclusão social deve ser pautada no ingresso de todos sem restrições, mesmo que o objetivo das suas aulas sejam a formação de

atletas e/ou tenham alunos deficientes. Por outro lado, outros professores trabalham com a seleção de alunos a partir dos seus aspectos físicos, a fim de que se tornem atletas para competir.

Ademais, todos ressaltaram que a prática pedagógica deve proporcionar aos alunos a tomada de decisão, visto que eles precisam solucionar problemas durante o jogo e fora do jogo, respondendo pelas suas atitudes frente aos desafios da vida em seu dia a dia. Conseqüentemente, alguns professores utilizam métodos de ensino do voleibol voltado para o jogo, o que possibilita aos alunos pensar em estratégias para a tomada de decisão e se tornem sujeitos críticos. No entanto, outros professores preferem realizar exercícios isolados e fora do contexto do jogo.

Portanto, o projeto social tem a finalidade de proporcionar a prática esportiva para todos, sem levar em consideração apenas a busca pela aquisição motora, mas oportunizar atividades que sejam voltadas para o aluno, motivando e educando para que eles sejam críticos a partir das suas escolhas na vida. Além disso, as expectativas acerca da problemática foram correspondidas ao longo do trabalho e pelos professores pesquisados. Acrescenta-se ainda a necessidade de um olhar mais reflexivo por parte da sociedade e do Estado quanto à importância do projeto social e os impactos positivos que proporciona na vida dos alunos. Resta o desejo de que tal pesquisa sirva de base para investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- BALBINOTTI, M. A. A. et al. **Motivação à prática regular de atividades físicas e esportivas: um estudo comparativo entre estudantes com sobrepeso, obesos e eutróficos** Motriz, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 384-394, jul./set. 2011.
- BALBINOTTI, M. A. A.; SALDANHA, R. P.; BALBINOTTI, C. A. A. **Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo.** Revista Motriz, Rio Claro, v.15, n.2, p.318-329, abr./jun. 2009.
- BARRETO, Darla De Carvalho; PERFEITO, Rodrigo Silva. **Motivação de crianças e adolescentes praticantes de esportes em projetos de inclusão social do Rio de Janeiro.** Motrivivência, Santa catarina, v. 30, n. 53, p. 152-163, mai. 2018.
- BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes; BOJIKIAN, Luciana Perez. **Ensinando voleibol.** 4 ed. São Paulo: Phorte, 19-131 p., 2009
- BORGES, Robson Machado; DINIZ, Irla Karla Dos Santos. Voleibol. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli De (Org.). **Esportes de marca e com rede divisória ou muro / parede de rebote:** badminton - peteca - tênis de campo - tênis de mesa - voleibol - atletismo. 2 ed. Maringá: Eduem, 2017.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal: Centro gráfico, 1988.
- _____. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.** Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Casa Civil da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 mar.1998.
- _____. **Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2006.** Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências. Casa Civil da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 dez.2006.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2006.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. O ensino dos esportes. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli De (Org.). **Esportes de marca e com rede divisória ou muro / parede de rebote:** badminton - peteca - tênis de campo - tênis de mesa - voleibol - atletismo. 2 ed. Maringá: Eduem, 2017.
- GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara A.; SANTOS, Lucídio Rocha. Organização e desenvolvimento pedagógico do esporte no programa segundo tempo. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli; PERIM, Gianna Lepre (Org.). **Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo:** da reflexão à prática. Maringá: EDUEM, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, G. V; GALATTI, L. R; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica.** Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 406-418, abr./jun. 2015.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. **Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos.** Motrivivência, Porto Alegre, v. 24, n. 39, p. 165-176, jul./nov. 2012.

MACHADO, G. V. et al. **Pedagogia do esporte e autonomia: um estudo em projeto social de educação não formal.** Pensar a prática, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-21, set./dez. 2011.

MACHADO, A. C. T. A. et al. **Estilos motivacionais de professores: preferência por controle ou por autonomia.** Psicologia: ciência e profissão, Paraná, v. 32, n. 01, p. 188-201, 2012.

MELO, José Pereira De; SOUZA, João Carlos Neves De; DIAS, Nunes. Fundamentos do programa segundo tempo: entrelaçamentos do esporte, do desenvolvimento humano, da cultura e da educação. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli; PERIM, Gianna Lepre (Org.). **Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão à prática.** Maringá: EDUEM, 2009. p. 17-44.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Política Nacional do Esporte. Brasília: ME, 2005.

MÜLLER, Antonio José. **Voleibol desenvolvimento de jogadores.** Florianópolis: Visual books, 2009.

PALMA, M. S. et al. Estilos de ensino e aprendizagem motora: implicações para a prática. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli; PERIM, Gianna Lepre (Org.). **Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão à prática.** Maringá: EDUEM, 2009.

TRIVIÑOS, AUGUSTO NIBALDO SILVA. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação.** SÃO PAULO: EDITORA ATLAS S.A., 1987.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação.** 21 ed. Maringá: EDUEM, 2010. 7-119 p.

VIANNA, J; LOVISOLO, H. **Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação.** Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 145-162, jul./set, 2009.

VIANNA, José Antônio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores.** Revista Brasileira de educação física e esporte, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 285-296, abr./jun. 2011.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE A

ENTREVISTA

Caro professor(a):

Estamos interessados em conhecer alguns assuntos que permeiam a sua prática pedagógica do ensino esportivo no projeto social. Diante disso, as perguntas se estruturaram conforme o objetivo do estudo que busca compreender os desafios e as possibilidades da prática pedagógica em projetos sociais esportivos. Portanto, se possível tente lembrar de tudo que acontece durante as suas intervenções, assim como, não se limite a responder as perguntas, pois não existe resposta certa ou errada. Desta forma, estarei à disposição para qualquer esclarecimento acerca do questionário.

A partir da sua perspectiva:

- 1) Qual o objetivo do projeto social no qual você ensina?
- 2) Quais os desafios na sua prática pedagógica e as possibilidades de transformação ao você ensinar o esporte no projeto social?
- 3) A partir das suas aulas, você percebe a contribuição no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos? Se sim, como? Se não, por quê?
- 4) Você utiliza procedimentos metodológicos de inclusão nas suas aulas? Se sim, quais? Se não, por quê?
- 5) Quais são os objetivos dos alunos que buscam participarem do projeto social? Por quê?
- 6) Quais são as expectativas dos alunos ao participarem da prática do voleibol no projeto social?
- 7) Quais os motivos da permanência dos alunos no projeto social?
- 8) Quais são as causas de desistência no projeto social em que você ensina?
- 9) Quais os benefícios da prática do voleibol para os alunos?
- 10) Você propõe atividades que desenvolva a autonomia do aluno? Se sim, como? Se não, por quê?
- 11) No processo de ensino aprendizagem, qual método que você utiliza para o ensino do voleibol?



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o aluno de graduação Lucas Correia da Silva, do curso de Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, que pode ser contatado pelo e-mail lucas_correia23@hotmail.com e pelos telefones (81) 999156172 e (81) 32726128.

Declaro que fui informado(a) que o estudo visa realizar uma entrevista, por parte do referido aluno para a realização de um trabalho monográfico de conclusão de curso. Desta forma, a pesquisa pretende analisar os desafios e as possibilidades da prática pedagógica do ensino do voleibol em projetos sociais.

Diante disso, a minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Bem como, compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Recife, ____ de _____ de 2018.